

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (DEZEMBRO 2015)

Com base na amostra representativa da IACA (agora de 19 empresas, pela aquisição da Progado pela Cargill), mantendo-se o peso da amostra em cerca de 78% da produção associada), constata-se, em **dezembro de 2015**, uma produção de 197 143 tons contra as 194 427 tons produzidas em dezembro de 2014, o que representa um crescimento de 1.4% face ao período homólogo do ano anterior, tendo-se registado uma tendência relativamente altista nos últimos quatro meses do ano.

Esta evolução ficou a dever-se a uma estabilização nos alimentos para aves (0.4%) e suínos (0.2%), face a aumentos importantes nos bovinos (3.3%) e, sobretudo, nos outros animais (7.8%), indiciando que os coelhos e pequenos ruminantes, em queda acentuada num passado recente, podem constituir, a par dos petfood, uma alternativa de mercado às outras espécies animais, dada a capacidade de produção excedentária do nosso País.

Sendo esta análise de dezembro a última do ano, é possível retirar desde já algumas conclusões:

- A primeira, a de que se inverteu uma tendência de quebra consecutiva ao nível das empresas associadas da IACA, que caracterizou o Setor nos últimos 7 anos, mantendo-se a linha de progressiva concentração da atividade;
- A segunda, a de que isto, por si só, não representa uma boa notícia porque este crescimento ficou a dever-se à procura de alimentos em dois setores que atravessam uma grave crise – bovinos de leite e carne de porco – o que significa produtores (clientes) descapitalizados e, conseqüentemente, apreensões no curto e médio prazo, pelos riscos de recebimento e dificuldades financeiras;
- A terceira, que, apesar da tendência para as chamadas integrações, o “mercado livre” demonstrou uma notável capacidade de resiliência, seja por estratégias de mercado, seja por uma lógica de contratualização que parece fazer-se sentir nas relações entre as empresas e os clientes que, contrariamente ao passado, parece mais fidelizada, com produtores mais exigentes e melhores conhecimentos de nutrição e manejo, da qualidade e necessidades alimentares, o que não deixa de ser importante para o desenvolvimento da nossa Indústria e para o dinamismo do mercado;
- Em quarto lugar, que os preços das matérias-primas, mais favoráveis em 2015, permitiram que a crise não fosse ainda maior mas também foi devido a esta conjuntura que assistimos na Europa a um incremento dos efetivos, em particular vacas leiteiras e suínos, em países tradicionalmente exportadores (Alemanha, Holanda, Espanha, França, Polónia...), que ao encontrarem dificuldades de colocação dos produtos no mercado mundial e confrontados com o embargo russo e redução da procura, criaram graves problemas no mercado interno e, conseqüentemente, nos mercados mais periféricos e vulneráveis como o nosso;
- A saída para a crise é difícil e pode ser penosa, os preços dão algum sinal de melhoria mas ainda se situam abaixo dos custos de produção, as medidas não são de fácil aplicação e existem Estados-membros que defendem apoios à reestruturação e limites à capacidade da oferta, até pelos constrangimentos que existem na União Europeia em aumentar o consumo de leite e produtos

lácteos ou carne de porco, cujos níveis já são elevados. Existirá ainda algum potencial mas o futuro destes setores passa inevitavelmente pelos mercados externos, fora do espaço da União Europeia;

- O essencial neste momento passa pela tentativa, política e diplomática, de abertura do mercado da Rússia e por um empenho do Comissário Phil Hogan, na diplomacia económica, numa estratégia de parceria, esperamos, com os responsáveis por outras áreas da Comissão, como a DG Trade, que tem o pelouro dos acordos comerciais. Analisam-se outras propostas como por exemplo o regresso às quotas no leite (pelo menos por um período excepcional, como já foi defendido pelo Ministro Capoulas Santos) ou mecanismos que substituam aquele regime e que estiveram previstos no quadro da discussão do fim das quotas leiteiras;
- Como última conclusão, a de que esta crise permitiu relançar questões como as ajudas aos produtores, a gestão das crises, medidas para mitigar a volatilidade dos preços e dos rendimentos – previstas na PAC – e o problema da transparência da cadeia alimentar, designadamente as relações entre produtores, indústria e grande distribuição, com a constituição de um Grupo de Trabalho em Bruxelas e as exigências de alterações legislativas da parte do Parlamento Europeu. Em Portugal esta questão tem tido uma grande atualidade nos últimos meses, com a profunda crise do setor dos suínos, de grande impacto na nossa Indústria, e as movimentações dos representantes da suinicultura e da indústria de carnes, com o Governo a servir, algumas vezes, de facilitador;
- A partir daqui, com este problema no centro da agenda política, nada poderá ficar como antes mas não deixa de ser preocupante continuarmos a assistir ao não cumprimento das regras da rotulagem em alguns espaços comerciais e a sucessivas promoções de carne de origem nacional.

Com todos estes elementos, é sabido que o ano de 2016 nos vai trazer novas dificuldades e exigências, quer pela conjuntura em Portugal, que decorre do ambiente político de incerteza e dos pressupostos e objetivos definidos pelo Orçamento de Estado, quer a nível europeu e mundial, condicionados pela baixa dos preços do petróleo, relação euro/dólar, crise dos refugiados, a segurança devido aos ataques terroristas, o problema das dívidas soberanas, pelo menos em 10 Estados-membros, entre os quais Portugal, para além do abrandamento económicos de países como a China, Brasil ou a Rússia. Tudo isto conjugado com a crise bancária e a pouca atratividade para o investimento estrangeiro...

Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos

(Amostra Representativa)

	Toneladas		
	Dezembro 2014	Dezembro 2015	Varição (%)
AVES	85 998	86 317	0.4
BOVINOS	44 846	46 321	3.3
SUINOS	53 099	53 207	0.2
OUTROS	10 484	11 298	7.8
TOTAL	194 427	197 143	1.4

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

Toneladas

	2013	2014	2015	VAR%2015/14
JANEIRO	189 328	190 285	183 315	-3.7
FEVEREIRO	172 053	169 253	169 178	-0.04
MARÇO	183 095	180 561	194 134	7.5
ABRIL	191 697	185 747	192 758	3.8
MAIO	198 611	187 486	179 461	-4.3
JUNHO	175 204	182 590	190 011	4.1
JULHO	193 298	201 080	200 223	-0.4
AGOSTO	192 228	185 549	185 464	-0.05
SETEMBRO	183 177	186 769	192 131	2.9
OUTUBRO	202 477	197 241	201 266	2.0
NOVEMBRO	190 829	175 891	190 301	8.2
DEZEMBRO	191 824	194 427	197 143	1.4
TOTAL	2 263 821	2 236 879	2 275 385	1.7

Em termos de valores acumulados, com os resultados de dezembro, tivemos uma produção anual da amostra com um crescimento de 1.7%, a qual ficou a dever-se a uma estabilização nos alimentos para aves (0.5%) e outros animais (-0.04%), e incrementos nos bovinos (3.0%) e suínos (3.3%).

Por outro lado, considerando as empresas que integram esta nossa base de monitorização mensal, 14 melhoram ou mantêm a sua produção em 2015, representando 61.9% de quota de mercado, contra os 57.4 % de 2014, o que significa uma tendência de relativo aumento na concentração da atividade.

No que respeita ao chamado “*mercado livre*”, registou-se, em dezembro, uma ligeira subida, de 0.8% face a 2014, com um acumulado de 2.1%, contra 1.7% no mercado global, a que não é alheia, nos bovinos, a situação de seca que caracterizou o país durante a maior parte do ano, e algumas alterações no mercado. Apesar das dificuldades e da concorrência, este segmento continua bastante resiliente, com um peso dentro da amostra de 37.2% em 2015 contra os 37.0% de 2014.

Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos

(Valores Acumulados)

Toneladas

	Jan-Dez. 2014	Jan-Dez 2015	Varição (%)
AVES	1 046 862	1 051 605	0.5
BOVINOS	497 526	512 630	3.0
SUINOS	559 773	578 490	3.3
OUTROS	132 718	132 660	-0.04
TOTAL	2 236 879	2 275 385	1.7

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015
JANEIRO	84	80	45	42	49	50	13	12
FEVEREIRO	77	76	38	39	42	44	11	11
MARÇO	85	90	40	44	44	48	12	12
ABRIL	89	90	41	43	45	48	11	11
MAIO	91	87	40	35	45	47	11	11
JUNHO	89	92	39	41	44	46	11	11
JULHO	98	96	43	45	48	48	12	11
AGOSTO	89	88	41	42	45	45	10	10
SETEMBRO	86	88	42	44	48	49	11	10
OUTUBRO	92	91	44	47	51	51	10	11
NOVEMBRO	81	87	39	43	47	49	9	11
DEZEMBRO	86	86	45	46	53	53	10	11
TOTAL	1047	1 051	497	511	561	578	131	132

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se entre 0.85 e 0.95 €/kg carcaça, o peru nos 2.40 €/kg carcaça e os ovos com cotações entre 0.70 e 0.80 €/Kg, mais baixas que as registadas no mês de dezembro. Nos bovinos de **carne**, assistimos a uma manutenção em todas as categorias e classificações, com exceção das vacas, que denotam uma tendência de descida. Apesar do otimismo, este foi o resultado da Sessão da Bolsa de 22 de janeiro, com as vacas a serem ajustadas à realidade do mercado. No **leite**, os dados disponíveis mostram um preço médio na União Europeia, de 30.60 €/100 kg dezembro, contra os 30.87 € de novembro e em Portugal, tivemos uma média de 28.48 €/100 kg contra os 28.65 € de novembro, ou seja, uma diminuição dos preços médios de mercado. Se compararmos com a situação na União Europeia em janeiro de 2014, de 40.08 €/100 kg, temos a noção mais exata da dimensão da crise no setor. Nos **suínos**, as pressões dos produtores têm vindo a conduzir a alguma melhoria dos preços de mercado, registando-se uma subida de 0.030 € na Bolsa de 21 de janeiro, ainda longe de poderem cobrir os custos de produção. Prosseguem as negociações com a grande distribuição no sentido de se valorizar e diferenciar a carne nacional, bem como o diálogo com a Indústria e com todos os operadores da Fileira, atentos às soluções que estão a ser desenvolvidas noutros países europeus. Existe a noção clara de que todos temos de ser parte da solução porque precisamos uns dos outros para que possa existir suinicultura em Portugal.

Por último, duas notas importantes sobre as matérias-primas: a rejeição na Assembleia da República, dos projetos de alteração da legislação, que pretendia acabar com o cultivo de milho geneticamente modificado, com um sinal político claro da parte do Governo, demonstrando que se preocupa com esta questão e com a competitividade da Fileira; o Protocolo QUALIACA, que, apesar das tentativas da ACICO de colocar um ponto final na iniciativa da IACA e da DGAV, através de uma Providência Cautelar, continuou esta semana e que será para continuar e consolidar no mercado. Dois pontos essenciais para que Portugal reforce a confiança nos mercados e nos produtos nacionais.

Pela diferenciação, pela qualidade, pela excelência. Só pode ser este o nosso caminho. Do rigor e da competência.